

CONHECIMENTOS E HABILIDADES DOCENTES REQUERIDOS PARA UMA NOVA CONCEPÇÃO CURRICULAR

TEACHING KNOWLEDGE AND SKILLS REQUIRED FOR A NEW CURRICULAR CONCEPT

Nildo Alves BATISTA¹

RESUMO

O autor pergunta sobre as competências e características necessárias ao perfil do profissional da área médica diante de uma sociedade que vive grandes transições: demográfica, epidemiológica, tecnológica, ecológica e no modelo assistencial médico-paciente. Discute ainda algumas estratégias docentes para a formação do estudante de Medicina.

Palavras-chave: currículo, ensino de saúde, metodologia do ensino

ABSTRACT

The author discusses the competence and characteristics needed in the profile of the medical professional in the light of a society that witnesses great transitions in the fields of: demography, epidemiology, technology and ecology, and the doctor-patient care model. Some teacher strategies for medical student formation are also discussed.

Keywords: curriculum, health education, teaching methodology

A reflexão sobre a trajetória do Ensino Médico no Brasil, em especial neste momento de profundas transformações sociais, nos incita a questionar o perfil do profissional a ser formado.

Este perfil apresenta, na minha ótica, pontos consensuais:

1. Adquirir habilidades e conhecimentos que lhes permitam identificar e definir os problemas básicos de saúde de sua sociedade; diagnosticar, tratar e

encaminhar as patologias mais prevalentes, orientando, adequadamente, os pacientes e familiares quanto ao tratamento, profilaxia e diagnóstico;

2. Integrar as ciências básicas com a clínica e entender os conceitos de atenção primária relacionados com promoção à saúde e à prevenção das doenças; conhecer as peculiaridades do sistema de saúde vigente, as

⁽¹⁾ Livre Docente em Educação Médica - Docente da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina.

características do mundo do trabalho e entender o engajamento do profissional como elemento integrante de uma equipe de saúde;

3. Ter flexibilidade profissional que lhe permita ser eficaz e eficiente, e considerar os valores, direitos e realidades sócio-econômicas de seus pacientes, dos colegas e do meio em que está inserido;
4. Aprender métodos científicos e postura ética para alcançar decisões adequadas que, expressas no trabalho diário, sejam eficientes, inteligentes e respeitosas ao ser humano e ao seu contexto;
5. Ter formação que o possibilite aprender fazendo e aprender a aprender, procurando ativamente construir seu próprio conhecimento e tornando-se apto a desenvolver um processo de Educação Permanente com metodologias adequadas de auto-aprendizagem.

Por outro lado, esta formação deve garantir o crescimento do aluno para desenvolver o seu exercício profissional num período de grandes transições na sociedade contemporânea.

Um primeiro aspecto é a transição demográfica onde, num período de apenas quatro décadas, se triplicou a população mundial.

Ao mesmo tempo, vivenciamos uma franca transição epidemiológica. Estamos hoje trabalhando com a reincidência de patologias em extinção (por exemplo a dengue), o aparecimento de novas (é o exemplo da AIDS que há duas décadas praticamente não existia e hoje reflete em todas as áreas do conhecimento em saúde), o problema das doenças degenerativas e crônicas, resultado do envelhecimento populacional (trazendo novas exigências para o profissional de saúde e, conseqüentemente, para as escolas médicas), o problema de drogas, da violência, etc

Essa sociedade contemporânea passa ainda por um franco processo de transição tecnológica, com aparecimento de novos métodos diagnósticos e terapêuticas, associado a uma velocidade alarmante de obsolescência da informação e do conhecimento (a quantidade de informações duplica a cada 10 anos).

Vivenciamos também um momento de transição de modelos assistenciais com o assalariamento das profissões de saúde, o crescimento da medicina de grupo, etc

A urbanização, a poluição, o próprio desequilíbrio ecológico caracterizam um outro aspecto da transição: a ecológica.

Todas estas transições ocorrem num momento de profundas transformações no mundo do trabalho através do fenômeno da globalização, que traz novas exigências ao profissional para o mercado. Estas transformações progressivamente exigem um novo perfil profissional mais competitivo e competente.

Todos estes aspectos devem repercutir no ensino, que também encontra-se em transição. O desenvolver na Escola Médica o aprender a aprender, implantando a cultura da educação permanente, permeada pela ética e pela cidadania é o momento de transição que enfrentamos.

Coloca-se para a escola médica o grande desafio de possibilitar o desenvolvimento da competência no aluno. Esta competência necessita ser vista nas suas quatro vertentes:

- A do *saber*, entendida como a competência cognitiva necessária para o exercício profissional;
- A do *saber fazer*, ou seja, o desenvolvimento de habilidades necessárias para este exercício;
- A do *saber ser*, entendida como as atitudes, a discussão humana envolvidas nesta prática. Entram aqui o relacionamento médico-paciente, a ética, as relações interpessoais, etc

- A do *saber conviver* com todos os desafios e transições já apontados.

Frente a estas áreas de competências projetadas para os alunos, quem é o professor que tem assumido a mediação neste processo de formação?

Como concebe o processo ensino-aprendizagem? Que competências consideramos necessárias para nossa prática docente? Acredito que um bom professor pensa, organiza e delinea uma intervenção pedagógica atento à complexa rede de dimensões que permeia sua função social. Estas dimensões envolvem conhecimento sólido e atualizado no campo da docência; participação na produção do conhecimento em sua área de atuação; domínio de técnicas necessárias ao desempenho profissional; realização das atividades de ensino com atenção para as dimensões da construção ativa do conhecimento (aprender a aprender); a importância da pesquisa para e na futura prática profissional; clareza e organização das comunicações; das especificidades do ensino médico articulando conhecimentos, habilidades e atitudes; da formação ética e humanística do médico; do uso adequado da tecnologia; da ênfase no processo de educação permanente; do engajamento efetivo do aluno como elemento integrante de uma equipe de saúde; da prática orientada por uma perspectiva sócio-biológica do processo saúde/doença, enfocando o homem docente e não a doença do homem.

Qual a orientação de currículo que orienta a sua prática docente?

Reduz esta concepção ao seu entendimento apenas como uma grade curricular?

SACRISTAN, um dos grandes estudiosos da área, entende que o currículo é a cultura da própria escola, intimamente relacionada às condições institucionais refletidas na política curricular, na estrutura e na organização do curso. É o resultado das concepções curriculares vigentes, entendidas como opções políticas,

concepções psicológicas, epistemológicas, sociais, filosofias e modelos educativos.

Vejo o currículo como um processo de construção social que se elabora no cotidiano das nossas relações. É uma função social, refletida na relação escola-sociedade, um projeto, um plano que se desenvolve para a escola.

É um campo prático que permite analisar a realidade dos processos educativos, dotando-os de conteúdo e território de práticas diversas, que não se restringem somente aos processos pedagógicos. É o espaço de articulação entre teoria e prática e, conseqüentemente, objeto de estudo e investigações constantes.

Voltando ao professor de Medicina, como tem ocorrido o seu preparo para a função docente, reconhecendo a complexidade de ser professor?

A questão do preparo do professor de Medicina no que se refere aos aspectos propriamente pedagógicos da ação docente não tem, geralmente, merecido atenção. Diferentemente de outras áreas, especialmente ciências humanas, a graduação e especialização do médico não têm como objetivo a formação de um professor.

Segundo GRÍGOLI, "*o professor, via de regra, vai intuitivamente construindo a sua própria didática calcada nos modelos que conheceu como aluno e no bom senso que o ajuda a filtrar os procedimentos que funcionam. Desse processo resulta um 'jeito' de organizar e conduzir o ensino que, geralmente, não chega a ser tomado como reflexão nem pelo professor individualmente e, menos ainda, pelo conjunto de professores que lecionam um dado curso*".

Na maioria das vezes, o professor de Medicina é contratado tendo-se como critério apenas a qualidade do seu desempenho como profissional e/ou pesquisador. Fica implícito que a competência profissional e/ou acadêmica assegura a competência didática.

Especialmente na Universidade pública, tem sido conferido um *status* de menor

importância à função de ensino, quando comparada à pesquisa. Os critérios de progressão na carreira docente fundamentam-se muito mais na produção científica que no exercício da docência.

Por outro lado, a função docente em Medicina caracteriza-se pela complexidade, diversidade, multideterminação, dinamicidade, exigindo a interdisciplinaridade. Por outro, a formação em Medicina implica triangulação entre conhecimentos, habilidades e atitudes, concretizada nos espaços de ensino, pesquisa e extensão que envolvem os condicionamentos relativos à missão institucional e ao processo de desenvolvimento curricular, ao planejamento de ensino, à interação professor-aluno, produção de conhecimento sobre a própria função docente e à atividade assistencial.

Segundo HOSSNE, "o professor, durante o percurso como estudante, concordou, discordou, elogiou ou criticou, se entusiasmou ou execrou atitudes de seus professores de então. Ao se tornar professor, nem sempre põe em prática as correções de rumo que desejava que seus professores tivessem feito e também nem sempre consegue adotar e seguir rumos que considerava, então, os melhores. Não raras vezes, o professor adota com mais vigor as atitudes que lhe pareciam (e talvez no fundo lhe pareçam) negativas" (1994).

Não dá para pensar nessa questão sem considerar algumas especificidades do exercício docente em Medicina.

Ao professor de Medicina é exigido um duplo esforço: de um lado pelos pacientes, que dele esperam apurados conhecimentos técnico-científicos e, de outro lado, requerido como professor, de quem se exige ampla bagagem de conceitos e conhecimentos, além de atitude criativa para tornar conseqüente a relação docente/aluno.

Este duplo papel, médico e professor, confere ao trabalho docente em Medicina a responsabilidade de contribuir decisivamente na formação do futuro profissional. As reflexões

e análises até aqui realizadas nos remetem a um conceito final, ainda que não definitivo, sobre a formação e o treinamento em Medicina.

Entende-se formar como "proporcionar uma forma, mas não modelar uma forma. Ao formar estamos oferecendo uma matriz a partir dos quais algo possa vir a ser e treinar como trazer para si, puxar. Quem puxa coloca-se à frente, atraindo o treinando, mas mantendo-se sempre a uma certa distância. Deixa sempre a desejar porque já reconhece no treinando a existência de recursos próprios a serem mobilizados no treinamento. No exercício deste desejo e na mobilização e aperfeiçoamento destes recursos, o treinamento transcorre" (FIGUEIREDO, 1996).

Comprometer-se com essas duas dimensões significa assumir que ser professor constitui um processo de Educação Permanente: inserção em diferentes espaços de apropriação de conhecimentos relativos a saber ensinar, estimulando a busca de conhecimentos relativos a saber ensinar, estimulando a busca de outros saberes e fecundando uma inquietação contínua com o já conhecido, motivando viver a docência universitária em toda a sua imponderabilidade, surpresa, criação e dialética na relação com o novo.

Neste bojo, que estratégias de formação e desenvolvimento docente têm sido privilegiadas?

Na formação, podemos destacar:

Melhor aproveitamento de espaços já existentes na formação didático pedagógica dos pós-graduandos, investindo em mestrados e doutorandos como docentes e/ou futuros docentes das escolas médicas brasileiras através das disciplinas obrigatórias Pedagogia Médica e Didática Especial (BATISTA E SILVA, 1998).

Realização de cursos de especialização específicos na área da docência médica, tomando o trabalho pedagógico como objeto de monografias e/ou projetos de pesquisa.

Aproveitamento de espaços emergentes, dentre estes o Mestrado Profissionalizante (mesmo em meio a polêmica acadêmica) de discussão qualificada e produção de conhecimento na área da docência em Medicina.

No desenvolvimento docente

Criação de espaços específicos de discussão sobre o ensino médico ao nível das escolas.

Experiências junto a grupos de professores de diferentes escolas médicas brasileiras, pautadas num movimento reflexivo sobre o Professor de Medicina: funções e implicações político-pedagógicas do seu trabalho no cotidiano da formação de futuros profissionais.

Todo o trajeto até aqui desenvolvido nos conduz para o entendimento de uma prática docente transformadora que identifique não apenas o que ou quanto de aprendizagem, mas sobretudo, se o modo como ela se processou tornou o aluno mais competente para lidar com o conhecimento científico e seus modos de

produção, assim como na construção de domínio efetivo das habilidades e atitudes necessárias para o exercício da profissão médica num mundo em transformação.

Bibliografia

- BATISTA, Nildo Alves & SILVA, Sylvia. *O Professor de Medicina: conhecimento, experiência a formação*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FIGUEIREDO, L. C. M. A Preparação do Psicólogo: formação e treinamento. In: FIGUEIREDO, L. C. M. *Revisitando as Psicologias*. São Paulo: Vozes, 1996.
- GRIGOLI, Josefa. *A Sala de Aula na Universidade na Visão de seus Alunos: um estudo sobre a prática pedagógica na Universidade*. São Paulo, tese de Doutorado, PUC-SP, 1990.
- HOSSNE, William Saad. Relação Professor - Aluno: inquietações - indagações - ética. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Rio de Janeiro, 18(2): 75-81, mai.1 ago., 1994.
- SACRISTAN, Gimeno. *El Curriculum: Una reflexión sobre la practica*. Barcelona: Morata, 1996.